

cR | Centro
de Referência
Paulo Freire



Instituto Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo do
Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org

Classe discute namoros de estudante

Da Reportagem Local

As aulas do Mova duram de 1 a 2,5 horas, quatro dias por semana. Pelo contrato estabelecido entre a Prefeitura e a entidade, as classes têm que começar com dez alunos. O número cai por causa da evasão, que é de cerca de 45%, segundo experiências já feitas pelo coordenador-geral do Mova, Moacir Gadotti.

A reportagem da **Folha** assinada, no último dia 1º, uma das salas do programa, no núcleo São Benedito, em São Mateus (periferia leste de São Paulo). A classe tinha 15 alunos, com idades entre 15 e 68 anos. Segundo a monitora Vania Maria Camilo, 30, o número de matriculados era de 41, maioria moradores de favela, as cerca de dez nunca aparece-

ram. Dos que vieram, sete desistiram.

Os alunos se sentam em círculos. No começo, a monitora pediu a eles que escolhessem palavras em revistas velhas e as recortassem. Por interferência da coordenadora Maria Alice de Paula Santos, Vania interrompeu os recortes e passou a trabalhar sobre um texto que contava a vida de uma das alunas, Ana. A intervenção, segundo Maria Alice, faz parte do trabalho do supervisor.

A história dizia que Ana tinha dois namorados, um viúvo —que encontrava dentro de uma estação de rádio—, e um desquitado, que ela esperava lá fora. A palavra desquitado, escrita pela monitora, estava grafada de forma errada: “disquitado”.

Edmilson, 47, leu o texto em

voz alta e escreveu as frases que tinha achado mais interessantes. Todos os alunos falaram sobre o texto. A palavra que mais sobressaiu da conversa foi “cinema”.

Vania e Maria Alice pediram aos alunos que montassem a palavra com letras recortadas das revistas. A monitora partiu então para a discussão dessa palavra: “Será que todos têm condições de ir ao cinema? Por que a qualidade do cinema caiu?” Para o estudante João, por exemplo, a televisão e o teatro tiravam público do cinema. Houve discordâncias. João disse que a qualidade do filme não importava se a companhia fosse boa.

Depois, a palavra cinema seria decomposta em sílabas e usada para gerar outras palavras e textos. (AESP)

Secretaria não usa método Paulo Freire

Da Reportagem Local

A Secretaria Municipal de Educação não adota no Mova o método desenvolvido por seu próprio titular, Paulo Freire. Segundo a coordenadora da equipe central do Mova, Maria Stella Santos Graciani, 42, são usadas algumas idéias de Freire, atualizadas por conceitos de Emília Ferreiro e outros educadores.

O secretário de Educação colocou em prática suas teorias sobre alfabetização de adultos em Angicos (RN), em 1961. O trabalho realizado com um grupo de jovens e adultos sertanejos resultou no que se convencionou chamar de método Paulo Freire.

Os alfabetizadores faziam primeiro uma pesquisa para desco-

brir quais as palavras mais significativas da região e o que representavam para os moradores. Depois, apresentavam para o grupo uma série de desenhos que eram discutidos em classe. Terminada a rodada de discussões, passavam às palavras.

No começo, a palavra era associada a um desenho —em Goiás, usou-se a palavra Benedito e a figura de um homem. Quando os estudantes se familiarizavam com a ligação entre a palavra escrita e o que ela representava, o desenho era tirado. A palavra era dividida em sílabas e cada uma dava origem a “famílias”. A primeira sílaba, por exemplo, originava a “família” ba-be-bi-bo-bu.

Em outra fase, os alunos eram incentivados a unir sílabas diferentes e formar palavras e, de-

pois, frases, como “Benedito lida o dia todo”. O trabalho era auxiliado por fichas e cartazes e os educadores promoviam discussões para tornar claro aos alunos os “determinantes sociais” de suas condições de vida. Nas primeiras experiências de Paulo Freire, a alfabetização era obtida em 40 horas.

Além de incorporar idéias de outros educadores, a secretaria da Educação diz estar preocupada com a pós-alfabetização dos que estão passando pelas salas do Mova este ano. A previsão inicial é de que a alfabetização dessas turmas demore seis meses. Depois, eles serão encaminhados ao EDA, curso supletivo da Prefeitura que compreende da 1ª à 4ª série do 1º grau, ou a núcleos de estudo não-regulares que serão formados em agosto. (AESP)